

OS MAIS FAMOSOS
CONTOS JUVENIS

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO



OS MAIS FAMOSOS
CONTOS JUVENIS

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Alexandre Dumas

O Homem da Máscara de Ferro





O Homem da Máscara de Ferro

O tempo passara depressa – cerca de trinta anos – deixando para trás o registro das mais empolgantes aventuras que haviam marcado a vida dos destemidos mosqueteiros Aramis, Athos, Porthos e D'Artagnan. Agora, amadurecidos e mais tranquilos, desempenhavam um novo papel na sociedade parisiense.



D'Artagnan atuava como capitão da guarda do jovem rei da França, Luís XIV, tendo-se tornado seu amigo e confidente; Porthos estava rico, ostentando, agora, o título de Barão du Vallon de Bracieux de Pierrefonds; Athos – o Conde de La Fère – caíra em desgraça na corte, desde que o rei se apaixonara por Louise de La Vallière, noiva de seu filho Raul, transformando-a em sua favorita; Aramis, o Senhor D'Herblay, voltara à Ordem dos Jesuítas. Depois de alguns anos como abade, havia sido nomeado Bispo de Vannes, posto que lhe permitia participar das intrigas da corte, para grande contrariedade de seus antigos amigos, principalmente D'Artagnan.

Entre as atitudes do Bispo de Vannes que despertavam a curiosidade de D'Artagnan, estavam suas constantes visitas a Baisemeaux, governador da tenebrosa Bastilha. Aramis escondia o motivo verdadeiro, que o levava inclusive a convencer o rico superintendente Fouquet a conceder, periodicamente, uma boa ajuda de custo a Baisemeaux. Este, por sua vez, de nada suspeitava,

acreditando que o bispo o visitava apenas com o objetivo de entregar-lhe o dinheiro, secretamente.

Durante uma de suas ceias na Bastilha, Aramis surpreendeu Baisemeaux ao demonstrar que sabia que o governador da prisão integrava uma sociedade secreta – a Ordem Geral, acrescentando que ele, Bispo de Vannes, também era filiado à mesma Ordem, participando como confessor, e que nessa função tinha o direito de conversar com qualquer prisioneiro, sempre que solicitado.

Enquanto conversavam, um dos criados entrou na sala trazendo um relatório médico, que atestava que o prisioneiro da cela número dois estava doente. Em seguida, entrou também o sargento-chefe, afirmando que o mesmo prisioneiro pedia um confessor. Estranhando a coincidência e demonstrando certa desconfiança, o governador da Bastilha ouviu a explicação do Bispo de Vannes: bastava que ele se lembrasse do lema da sociedade secreta – A Ordem suspeita, a Ordem prevê, a Ordem sabe... E assim, invocando o título de Confessor da Ordem, Aramis quis ver o prisioneiro imediatamente. Embora constrangido e receoso, Baisemeaux atendeu-o prontamente.

Com a ajuda de uma lanterna, Baisemeaux conduziu o ex-mosqueteiro pelos sombrios corredores da Bastilha, até as celas subterrâneas. Ordenou ao carcereiro que abrisse a porta e – proibido por Aramis de acompanhar a confissão – retirou-se.

Na triste cela, um jovem de aparência nobre encontrava-se recostado sobre uma cama rústica. Despertado, disse a Aramis que já se sentia melhor e que não via mais razão para se confessar. Mas o Bispo de Vannes insistiu, dizendo que tinha uma grande revelação a fazer. Porém, antes, queria que o jovem falasse de sua infância e das razões de ter sido encarcerado.

Resumidamente, o prisioneiro contou que seu nome era Filipe e que havia sido criado em Noisy-Le-Sec, uma propriedade cercada de

altos muros, de onde nunca saía. Fora educado por uma ama chamada Perronette e por um preceptor, fidalgo de nobre estirpe, que lhe ensinara algumas ciências exatas, astronomia e o manejo da espada, além de exercícios militares e equitação.

Um dia, ouvira uma conversa entre seu preceptor e Perronette sobre uma certa carta relacionada com a rainha Ana D'Áustria e que continha importantes informações sobre ele. Posta sobre um aparador, a carta fora atirada pelo vento para dentro de um poço.

Um rapaz analfabeto, do vilarejo próximo, fora chamado para retirar a carta. Porém, antes de sua chegada, ele, mesmo vestido, entrara no poço e a retirara. Pelo seu teor, percebera que tinha origem nobre, pois tanto a rainha quanto o primeiro-ministro Mazarino demonstravam preocupação com seu destino. Ao mesmo tempo, desejavam manter sua existência em segredo, longe de tudo e de todos.

Resfriando-se, à noite tivera febre alta e, delirante, acabara falando sobre o conteúdo da carta. Depois disso, fora preso e enviado à Bastilha. Na mesma ocasião, a ama Perronette e o nobre preceptor haviam desaparecido, sem deixar qualquer sinal.

Era tudo que sabia.

Então, Aramis passou a desvendar o segredo da vida do jovem prisioneiro. Revelou que o maior desejo do rei Luís XIII, filho de Henrique IV e casado com Ana D'Áustria, era deixar um sucessor, o que se tornaria realidade depois de vinte anos de casamento, quando a rainha dera à luz um menino, às 11h15 de 5 de setembro de 1638. Minutos depois, ele era batizado e reconhecido como o herdeiro do trono, para grande alegria da corte e do povo em geral.



Entretanto, à noite, a rainha sentira-se mal e, em seguida, dera à luz outro menino. Então, os sentimentos de Luís XIII dividiram-se: felicidade, pelo novo filho, e angústia – como poderia anunciar ao povo que não havia um, e sim dois herdeiros? Qual deles poderia assumir o trono, futuramente? O soberano temia que esse impasse viesse a gerar um movimento de anarquia no país, que já enfrentava muitos problemas e rivalidades internas.

A conselho de seu ministro, cardeal Richelieu, foi decidido que a segunda criança deveria ser afastada da corte para sempre. Para tanto, um fidalgo culto e nobre e uma senhora de nome Perronette foram destacados para criar o menino com conforto e dignidade, numa propriedade real situada em Noisy-Le-Sec.

Às vezes, ele próprio, Aramis, que na época era o abade D'Herblay, ia visitar o menino, juntamente com uma dama de preto, que usava uma fita vermelha no cabelo. Ao ouvir isso, o jovem prisioneiro se

emocionou. Sim, lembrava-se dele e da dama de preto, que costumava vir acompanhada de uma outra senhora.

Finalizando, o Bispo de Vannes mostrou ao prisioneiro uma miniatura esmaltada, na qual se via o rosto do rei Luís XIV, o primeiro filho de Luís XIII e de Ana D'Áustria, e pôs em sua mão um espelho, pedindo-lhe que se olhasse. Com grande espanto, o jovem constatou a enorme semelhança entre ele e o jovem retratado.

Descobriu, assim, que ele, Filipe, era o segundo filho de Luís XIII e, portanto, irmão do rei de França, Luis XIV!

Rapidamente, o Bispo de Vannes acrescentou que queria devolver-lhe a liberdade e colocá-lo no lugar de seu irmão, que era um soberano insensível, prepotente e cruel com o povo.

A princípio relutante, o jovem prisioneiro animou-se. Instruído por Aramis, ficou aguardando os acontecimentos.

Mestre Jean Percerin era o alfaiate que, com bom gosto e requinte, confeccionava todas as roupas do rei. Atendia apenas aos nobres de estirpe, em uma grande casa situada na Rue St. Honoré.

Aproximando-se as festas que o superintendente Fouquet ofereceria a Luís XIV, o exímio alfaiate estava ocupadíssimo. Tinha apenas dois dias de prazo para terminar a confecção dos cinco trajes encomendados pelo jovem soberano. Restando-lhe apenas dois dias de prazo, recusava-se a atender outras encomendas.

Porthos, por exemplo, somente conseguira ser atendido após a interferência pessoal de D'Artagnan e, principalmente, de Aramis, que exercia estranha influência sobre o alfaiate.

Depois de assegurar o atendimento a Porthos, o Bispo de Vannes apresentou a Percerin sua própria solicitação. Explicou que o superintendente Fouquet desejava preparar uma surpresa ao rei,

que consistia no seguinte: ao chegar à sua casa, no Castelo de Vaux-Le-Vicomte, o soberano encontraria um belo retrato, em que estaria vestido com o mesmo traje usado na festa, a cada dia... Por essa razão, Aramis queria que o alfaiate lhe fornecesse amostras dos tecidos usados na confecção dos trajes do rei, bem como os respectivos desenhos, para que Lebrun, um artista de sua confiança, pudesse reproduzi-los em quadros.

Percerin sentia-se perturbado. Sempre guardava segredo sobre os detalhes dos trajes que fazia para o rei. Mas temia desagradar ao poderoso Fouquet e, mais ainda, ao Bispo de Vannes... Assim, mesmo a contragosto, acabou fornecendo as amostras e os desenhos solicitados.

Satisfeito, Aramis apossou-se rapidamente deles e, em seguida, garantindo ao mestre Percerin que sua cooperação seria muito apreciada por Fouquet, despediu-se e saiu, juntamente com Lebrun, deixando o alfaiate bastante contrariado.

Dali, Aramis foi à mansão do superintendente Fouquet. Encontrou-o preocupado com os gastos que teria com a festa em homenagem ao rei.

Então, sabendo que Fouquet enfrentava problemas financeiros, Aramis convenceu-o de que obteria milhões se soubesse agradar o soberano. Poderia, por exemplo, fazer-lhe uma surpresa: quando chegasse à casa do superintendente, em Vaux, o rei encontraria um quadro retratando-o no traje usado no baile do dia. Para isso, Fouquet teria apenas de gastar o valor que Lebrun cobrasse pelo trabalho de arte...

Fouquet animou-se com a sugestão. Aproveitando o momento, o Bispo de Vannes pediu-lhe um favor: precisaria de uma carta endereçada ao Ministro da Justiça, De Lyonne, pedindo-lhe ordem de soltura a um prisioneiro chamado Seldon, que estava na prisão

havia dez anos, condenado apenas por haver escrito dois versos em latim, contra os jesuítas...

Sensibilizado, rapidamente o superintendente providenciou a carta. E, ainda, deu a Aramis uma boa quantia em dinheiro, pedindo-lhe que a entregasse à família do pobre injustiçado.



À noite, em trajes de mosqueteiro, o Bispo de Vannes estava novamente ceando com Baisemeaux. Durante o farto jantar, Aramis incentivou o governador da prisão a abrir a correspondência, que chegara pouco antes. Na verdade, ele sabia que entre os papéis estaria a ordem de soltura de Seldon, prisioneiro da cela três, expedida por De Lyonne. Espertamente, enquanto Baisemeaux se afastava por um instante depois de ter lido o documento, o Bispo de Vannes trocou rapidamente a ordem por outra, que trazia no bolso. Onde se lia cela três, lia-se, agora, cela dois...

Ao examinar a ordem novamente, Baisemeaux estranhou, pois se lembrava de ter lido cela três, e não dois... Percebendo sua indecisão, Aramis prontamente acrescentou, no documento, as iniciais: A.M.D.G., que significavam *ad majorem Dei gloriam* – para maior glória de Deus, desenhando, sob elas, uma cruz e uma nota, acompanhada da assinatura Bispo de Vannes, Geral da Ordem, pela graça de Deus.

Isso bastou. Minutos depois, o prisioneiro da cela dois era trazido à sala. Seguindo o regulamento, Aramis o fez jurar jamais revelar o

que vira ou ouvira dentro da Bastilha. Em seguida, ofereceu-se para levar o jovem em sua carruagem. Depois de passar por diversos locais centrais, o cocheiro parou o carro na floresta de Sénart. Virando-se para o prisioneiro e tratando-o de Vossa Alteza, Aramis falou-lhe de seus planos.

Escolhendo as palavras, Aramis disse ao jovem que, talvez por ter tido uma infância infeliz, o rei Luís XIV tornara-se um soberano recalcado, caprichoso e prepotente. Que ele, Bispo de Vannes, se sentia um instrumento escolhido pelos céus para restabelecer a justiça. E que, como chefe de uma ordem misteriosa, precisaria agir com todo o cuidado e persistência para fazer com que Filipe assumisse o trono de França.

Mas, Filipe teria de aceitar que, para assumir o trono no lugar de seu irmão Luís, este teria de ser afastado. Por justiça, deveria ficar preso na Bastilha pelo menos por oito anos, conforme acontecera com Filipe. Depois, poderia ser libertado ou exilado, caso Sua Majestade assim o quisesse.

Aramis também contou que, além dele próprio, somente outras duas pessoas conheciam o segredo do nascimento de Filipe: sua mãe, a rainha Ana D'Áustria, e a amiga e confidente dela, madame de Chevreuse.

Filipe relutava em participar de um plano tão fantástico e cruel, que levaria seu próprio irmão à prisão ou mesmo à loucura... Percebendo sua insegurança, Aramis, fingindo compreensão, falou-lhe que, se não concordasse com seu plano, poderia escolher uma vida tranquila em uma das ilhas de pescadores, em Bas-Poitou. Teria dinheiro suficiente para passar lá o resto da vida. Entretanto – acrescentou – esse não seria o caminho que homens fortes e destemidos, capazes de tudo para alcançar glória e poder, escolheriam...

Confuso, Filipe quis descer da carruagem e andar na relva livremente, para pensar. Então, Aramis pôde ver o andar vacilante do jovem, que ficara tantos anos sem a liberdade.

A princípio, Filipe sentiu-se atraído pela possibilidade de viver num recanto longínquo. Mas, pouco a pouco, seus pensamentos se tornaram mais obscuros. Havia sofrido muito na prisão. Agora, iria à desforra. Aceitaria a oferta de Aramis. Queria conquistar a coroa da França.

Satisfeito, Aramis o interrogou, para ver se ele havia aprendido as instruções sobre as pessoas da corte, conforme dossiê que fizera chegar secretamente às suas mãos, na Bastilha. Para sua alegria, Filipe demonstrou saber tudo sobre Ana D'Áustria, sobre seu segundo irmão, Duque de Orléans e a esposa Henrietta, sobre a favorita do rei, mademoiselle de La Vallière e sobre D'Artagnan, além de outras pessoas importantes.

O Castelo de Vaux-Le-Vicomte - residência de Fouquet - era extraordinariamente luxuoso e cercado por bosques de grande beleza.

No primeiro dia de festa o castelo fervilhava, com os criados correndo para lá e para cá. Aramis ajudara Fouquet a preparar tudo nos mínimos detalhes. O teatro, os salões, as galerias e a capela estavam impecáveis, à espera da chegada do rei.

Em certo momento, Aramis fez questão de mostrar a Fouquet a surpresa que, em seu nome, havia encomendado: no salão principal via-se um enorme retrato do rei, vestido com um dos trajes confeccionados por Percerin. Lebrun realizara o trabalho com perfeição.

Uma hora depois, com sua grande comitiva de rainhas, princesas e damas de honra, Luís XIX chegava, acompanhado por Colbert, a quem Fouquet cederia, em breve, o lugar de superintendente.

A suntuosidade e o luxo, em vez de alegrarem o rei, despertaram-lhe raiva e inveja, pois nem o palácio real se comparava ao que encontrara na casa de Fouquet. Depois do jantar e de dar um passeio no parque com D'Artagnan e Fouquet, Luís XIV retirou-se aos seus aposentos, onde desejou conversar com Colbert.

Aramis alojara-se num quarto que ficava no segundo andar, sobre os aposentos destinados ao rei. Depois de rápida conversa com D'Artagnan e outros mosqueteiros, trancou o quarto à chave e chamou Filipe, que havia se escondido atrás de um painel. Em seguida, afastando uma peça do assoalho, pediu que o jovem ficasse observando, pela fresta, todos os movimentos do soberano.

Assim, ambos puderam ouvir a trama tecida contra Fouquet. Recriminando o excessivo luxo do castelo, Colbert mostrou uma carta ao rei, relacionada com as contas públicas apresentadas pelo cardeal Mazarino, e na qual Fouquet era acusado de não ter devolvido um empréstimo de treze milhões...

Sutilmente, Colbert incitava o rei a ordenar a prisão do superintendente. Mas, para seu desapontamento, Luís XIV preferiu recolher-se, adiando a decisão.

No dia seguinte, a festa prosseguiu com banquetes, passeios e apresentações teatrais. Luís XIV, entretanto, demonstrava frieza no olhar e mal conseguia disfarçar o ressentimento. Colbert, por sua vez, estava ansioso em vê-lo ordenar a prisão de Fouquet. Porém, no momento em que o rei mandava chamar D'Artagnan para ordenar-lhe que prendesse Fouquet, mademoiselle de La Vallière, a favorita do rei, interferiu. Com palavras compreensivas, fez com que o rei percebesse que não seria nobre, da parte dele, ordenar a prisão de seu próprio anfitrião...

Irritado com a intromissão de mademoiselle, Colbert procurou vingar-se. Enquanto o rei abraçava sua favorita, retirou do bolso uma carta e, disfarçadamente, jogou-a no chão. Assim que La

Vallière se retirou, Colbert apontou para a carta, que rapidamente foi recolhida por Luís XIV. Pouco depois, aproveitando a luz dos fogos de artifício, o rei lembrou-se de ler a carta. Então, com enorme constrangimento, constatou que ela continha palavras de amor dirigidas por Fouquet à sua favorita! Nada indicava que La Vallière correspondia a esses sentimentos, mas, ainda assim, o rei encheu-se de fúria.

Retirando-se para seus aposentos, chamou D'Artagnan e ordenou-lhe que prendesse Fouquet, tarefa que o mosqueteiro prometeu cumprir no dia seguinte, para evitar maior escândalo.

Satisfeito, o rei deitou-se, sem retirar a roupa que estava usando.

Em silêncio, de seu ponto de observação, Aramis e Filipe haviam assistido a tudo.



Furioso, o rei Luís XIV revirava-se no leito. Perturbado, teve pesadelos e custou a adormecer profundamente. Ainda inconsciente, sentiu que o teto se movimentava e logo a seguir teve a sensação de que sua cama se deslocava para baixo, balançando como se velejasse sobre ondas suaves. Percebeu, também, que o ar se tornava cada vez mais frio. De repente, acordou e viu, aterrorizado, que não estava mais em seu luxuoso quarto, mas sim num aposento subterrâneo, úmido e sombrio, ao lado de dois homens mascarados, armados...

Revoltado e pensando tratar-se de uma brincadeira de Fouquet, ordenou que o levassem de volta ao quarto. Mas, sem ligar para suas exigências, os homens o intimaram simplesmente a obedecer. Então, um deles foi na frente, iluminando uma tétrica galeria com uma lanterna, enquanto o outro caminhava atrás de Luís XIV, apontando-lhe o mosquete.

No final da longa galeria, o jovem rei foi posto numa carruagem que, horas depois, estacionava numa das entradas laterais da Bastilha. De maneira rude, o cocheiro mandou que um dos guardas acordasse Baisemeaux, o governador da prisão, que, surpreso, logo apareceu.



Depois de amordaçar o rei, o homem que segurava a lanterna subiu as escadas e foi falar com o governador da Bastilha. Antes, porém, retirou a máscara, revelando seu rosto: era Aramis - o Bispo de Vannes!

Argumentando que o Ministério da Justiça havia se enganado ao emitir a ordem de soltura para o prisioneiro da cela número dois, e não para o da cela número três, Aramis disse ao atônito Baisemeaux que ali se encontrava para corrigir o engano. Trazia consigo a ordem correta, pela qual o prisioneiro Seldon deveria ser solto. Ao mesmo tempo, ordenou ao governador da Bastilha que recolocasse, na cela dois, o prisioneiro que recapturara e que, aparentemente, estava louco, pois se vestia como o rei e gritava ser Luís XIV...

Depois, recomendando que ninguém se aproximasse do prisioneiro, Aramis entrou na carruagem para voltar ao Castelo de Vaux. Nesse momento, o cocheiro retirou a máscara: era Porthos...

Sozinho em sua tétrica cela, tendo apenas ratos como companhia, os pensamentos de Luís XIV o atormentavam. Quem teria sido o responsável por sua prisão? Teria sido Fouquet? Teria sido seu irmão, o Duque de Orléans? E sua amada, mademoiselle de La Vallière? O que seria dele, sem a presença dela?

As horas foram passando e de nada adiantaram seus gritos e murros nas paredes e grades da porta e da janela. De nada adiantaram suas ordens, dizendo que exigia a presença do Governador da Bastilha. Ninguém lhe dava a menor atenção. Apenas conseguiu que outros prisioneiros, ouvindo seus lamentos e gritos de revolta, passassem também a gritar e a bater objetos, provocando um barulho ensurdecedor em toda a prisão.

Luís XIV sentia-se enlouquecer.

Sem se importar com suas ordens, um guarda entrou com o almoço e rapidamente saiu, fechando a porta. Então, atirando objetos pela janela, o rei voltou a gritar, com fúria. Horas depois, estava irreconhecível: desgrenhado, suado, as roupas sujas e completamente desalinhas.

Na Bastilha, muitos prisioneiros acabavam enlouquecendo. Por isso, certo de que o mesmo teria acontecido com o prisioneiro da cela número dois, o carcereiro em nenhum momento pensou em chamar o governador da tenebrosa prisão.

Enquanto isso, em seu escritório, Baisemeaux pensava no prisioneiro da cela número dois, não como a interessante fonte de lucro que representava, mas como um infeliz ser humano, cujos sofrimentos só poderiam cessar com a morte... Pouco depois, porém, abandonando os pensamentos tristes, voltava a sentar-se à mesa de jantar, para saborear os suculentos pratos de costume.

Embora constrangido, D'Artagnan sabia que teria de cumprir a ordem do rei: prender Fouquet, que caíra em desgraça não só

porque Colbert não gostava dele, mas, principalmente, por ter tentado conquistar Louise de La Vallière.

Indo ao quarto de Fouquet, D'Artagnan preveniu-o sobre as ordens reais. Mesmo julgando estar sendo injustiçado, o superintendente resignou-se a ser preso logo no dia seguinte.

No quarto, Filipe já assumira o lugar de seu irmão Luís XIV e aguardava, ansioso, o retorno de Aramis. Assim que entrou, o Bispo de Vannes relatou tudo sobre a prisão do rei, acrescentando que dentro de alguns dias ele seria levado a um lugar muito distante, onde ninguém jamais o encontraria.

Quando D'Artagnan quis falar com o rei em seus aposentos, estranhou a presença de Aramis. Ficou ainda mais surpreso quando este lhe estendeu um documento pelo qual Luís XIV revogava a decisão anterior de mandar prender Fouquet...

Pouco depois, D'Artagnan e Aramis deram a notícia a Fouquet, que, embora sem entender a mudança, alegrou-se em saber que o rei continuava a considerá-lo amigo e que estava apreciando muito a festa em sua homenagem. D'Artagnan, por sua vez, confuso e desconfiado, resolveu sair.



A sós com Fouquet, o Bispo de Vannes decidiu revelar toda a verdade sobre a conspiração que acabara de realizar. Então, com enorme surpresa, viu-se diante de uma reação inesperada do superintendente que, muito revoltado, declarou total fidelidade ao rei Luís XIV, seu hóspede e homenageado, acrescentando que jamais aceitaria Filipe como soberano. Furioso, ameaçou revelar a todos a troca efetuada por Aramis, que julgava ser uma alta traição ao Estado.

Porém, para salvar a vida do Bispo de Vannes e em consideração à amizade que mantinham, ofereceu-lhe uma única saída: em quatro horas, Aramis deveria deixar o castelo e se exilar em Belle-Isle, propriedade que Fouquet possuía, muito distante de Vaux-Le-Vicomte.

Sem alternativa, Aramis foi à procura de Porthos, explicando-lhe, apenas, que teriam de partir imediatamente. Depois de apanhar

algumas joias, despediram-se de D'Artagnan que, sem compreender a agitação e pressa dos amigos, viu-os partir galopando velozmente.

Nervoso, Fouquet aboletou-se numa carruagem puxada por seus melhores cavalos e dirigiu-se, a toda velocidade, à prisão da Bastilha.

Ao chegar, de nada adiantaram suas ameaças, ordens e pedidos para ser levado à presença do governador da Bastilha, com urgência. Os guardas não o conheciam e – sem uma ordem superior – negavam-se a chamar Baisemeaux. Finalmente, após enfrentar e ferir um soldado, Fouquet foi reconhecido por um dos guardas.

No mesmo momento, atraído pelo enorme barulho, Baisemeaux chegava ao local e, desculpando-se perante Fouquet, recebeu-o em sua sala.

Depois de revelar toda a conspiração armada por Aramis, Fouquet exigiu ser levado à presença de Luís XIV – o prisioneiro da cela número dois, sob pena de ordenar a prisão de todos os que se negassem a fazê-lo. Trêmulo e suando, o governador da Bastilha apanhou as chaves e levou Fouquet até as masmorras.

No corredor já se ouviam os gemidos e gritos desesperados do rei. Ao abrir a porta, Fouquet mal pôde reconhecer Luís XIV no homem transtornado, que gritava ser o rei de França. Estava sujo, tinha as roupas rasgadas e a fisionomia de um louco...

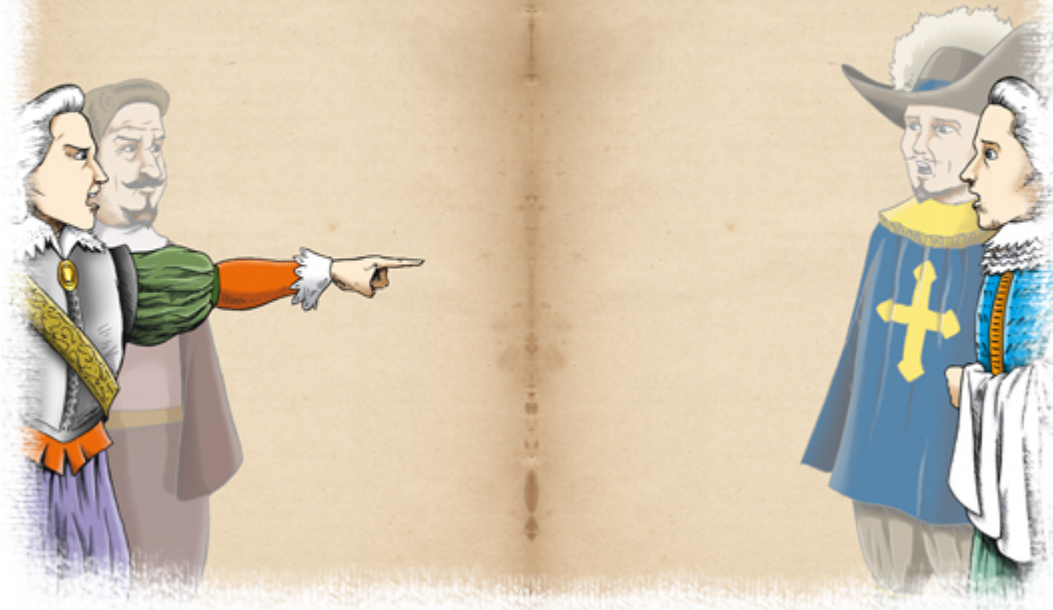
A muito custo o superintendente conseguiu convencer Luís XIV que sua prisão fora arquitetada por Aramis, e não por ele, Fouquet, que o reconhecia como seu soberano. Luís XIV também custou a aceitar a verdade sobre Ana D'Áustria, sua mãe, que escondera a existência de seu irmão Filipe de forma tão premeditada e fria.

Mais calmo, depois de assinar uma ordem de soltura redigida às pressas por Fouquet, exigiu ser levado até o palácio do Louvre, para se recompor e vestir outras roupas e de lá voltar ao Castelo de Vaux,

onde desejava encontrar os culpados de sua prisão para puni-los sem piedade.

Enquanto isso, no Castelo de Vaux, Filipe desempenhava com perfeição seu papel de rei de França. Ninguém notara a troca.

Estava decidido a amar Ana D'Áustria e esquecer o mal que ela lhe fizera. Ativo e seguro, comunicou-lhe sua decisão de não mandar prender Fouquet, ao mesmo tempo em que demonstrava reservas em relação a Colbert. Disse à rainha, também, que desejava aproximá-la de Fouquet, bem como de Aramis, o Bispo de Vannes, antigo mosqueteiro de grande valor. Ao ouvir esse nome, Ana D'Áustria estremeceu.



Filipe estranhava a ausência de Aramis, de cujo apoio não poderia abrir mão. Julgando que o Bispo de Vannes estivesse com Fouquet, de quem era amigo, observava, ansioso, a entrada do salão.

De repente, ouviram-se vozes, entre as quais a de Fouquet. Porém, com ele não vinha Aramis - conforme Filipe imaginava - e sim Luís XIV, seu irmão!

Espantados, todos presenciaram o encontro dos dois irmãos gêmeos. Enquanto Ana D'Áustria sentia-se desfalecer diante da revelação de seu grande segredo, Luís XIV, insensível e desafiador, impunha-se por gestos e atitudes. Surpreendido pelo inesperado acontecimento, Filipe nada pôde fazer.

Então, como capitão dos mosqueteiros, D'Artagnan adiantou-se e deu voz de prisão a Filipe que, sem qualquer reação, apenas dirigiu ao irmão um olhar profundo e constrangedor. E, aproximando-se da

mãe, sussurrou-lhe uma breve frase, em que deixava transparecer toda a dor por ter sido por ela desprezado e condenado ao cativoiro.

Ao ter conhecimento de que Aramis partira para exilar-se em Belle-Isle, Filipe sentiu-se ainda mais infeliz, abandonado e descrente do mundo. Triste, pediu a D'Artagnan que o levasse logo.

Quando D'Artagnan ia saindo com seu prisioneiro, Colbert entregou-lhe uma ordem escrita pelo próprio rei Luís XIV, cujo teor despertou revolta no coração do mosqueteiro. Nela, o rei determinava que o prisioneiro fosse conduzido à Ilha de Santa Margarida e que fosse colocada sobre seu rosto uma máscara de ferro, de tal forma que ele jamais pudesse retirá-la...

Diante de tanta crueldade, Fouquet convenceu-se de que Aramis tinha razão: Filipe era muito mais digno da coroa de rei do que seu irmão Luís XIV! D'Artagnan já havia chegado à mesma conclusão.

Depois de cavalgar em grande velocidade e de trocar de montaria algumas vezes, Aramis e Porthos chegaram a Blois, onde Athos e seu filho Raul haviam se refugiado, desgostosos, depois que o rei fizera de mademoiselle de La Vallière sua favorita.

Depois de se abraçarem como grandes amigos, Aramis conversou a sós com Athos e contou os detalhes da conspiração e da inesperada reação de Fouquet, que colocara tudo a perder. Disse também que, depois de algum tempo em Belle-Isle, pretendia embarcar para a Inglaterra ou para a Espanha e que se preocupava com Porthos, envolvido na trama sem conhecer os motivos.

Após receberem novos animais e uma rápida refeição, Aramis e Porthos despediram-se, momento em que Athos e Raul tiveram a sensação de que nunca mais voltariam a se ver...

Pouco depois, chegava à mansão de Athos um cortejo comandado pelo Duque de Beaufort. Depois de conhecer Raul, tido na corte como jovem corajoso, o fidalgo convidou-o a acompanhá-lo, como

seu segundo no comando, em um combate contra os árabes, na África.

Aceito o convite, o duque entregou a Raul uma grande soma em dinheiro e uma ordem para entrar em todas as ilhas da região e requisitar tudo o que fosse necessário para a viagem. Para proteger o filho, Athos quis acompanhá-lo a Toulon, cidade que fazia parte do roteiro.

Em Toulon, ao requisitar um barco, Raul soube que, dias antes, o pescador e seu ajudante haviam sido contratados para fazer um carregamento até a ilha St. Honorat e que, durante a viagem, o homem que os contratara quis obrigá-los a desviar para a Ilha de Santa Margarida. Ao recusar, pois temiam alguns trechos perigosos, o homem investira contra eles com uma espada, ao mesmo tempo em que, de uma enorme caixa que levavam, saía um homem esquisito, que tinha a cabeça toda coberta por um capacete de ferro... Apavorados, obedeceram.

Mas, conforme haviam previsto, logo depois o barco acabara batendo em algumas pedras, provocando grande estrago. Ao se recobrar do susto, estavam sozinhos. Os homens haviam sumido...

Pela descrição do espadachim e de sua maneira de agir, Athos e Raul perceberam que se tratava de D'Artagnan. Rapidamente, tomando um pequeno e seguro barco, decidiram ir ao encontro do amigo.

Horas depois, desembarcavam na Ilha de Santa Margarida. Viam-se muitas flores e árvores frutíferas, além de um jardim que embelezava um pequeno castelo ocupado pelo governador do local. Observaram que apenas oito guardas serviam ao castelo de três torres, ligadas por terraços e circundado por um profundo fosso.

Enquanto rodeavam o castelo tentando uma forma de se anunciar, Athos e Raul ouviram um chamado. Olhando para cima, perceberam que, atrás de uma janela gradeada, alguém agitava um objeto metálico, o qual, em seguida, foi atirado, caindo próximo a eles.

Era uma bandeja de prata, empoeirada, contendo uma mensagem feita com a ponta de uma faca, em que um infeliz prisioneiro dizia ser irmão do rei de França e pedia, aos franceses e cristãos, que rezassem por sua alma e por sua lucidez...

Nesse momento quase foram atingidos por tiros de mosquete, que partiram do alto da fortaleza. Ao gritar desafiando os atiradores, a voz de Athos foi reconhecida por D'Artagnan que, rapidamente, ordenou aos soldados para recolherem as armas. Em seguida, preveniu os amigos que, por ordem do rei, aquele que soubesse da existência do prisioneiro deveria ser imediatamente morto, pois o assunto era tratado como segredo de Estado... Para evitar o problema, eles deveriam fingir, diante do governador da ilha, que eram fidalgos espanhóis e que, portanto, não haviam entendido a mensagem.

Assim, pouco depois visitavam a fortaleza. Enquanto o governador se ausentava para dar algumas ordens, Athos e Raul revelaram a D'Artagnan que Aramis havia lhes contado tudo sobre o prisioneiro. Sabiam bem quem ele era.



À noitinha, ao passarem com D'Artagnan por uma galeria, Athos e Raul puderam ver um homem vestido de preto, que voltava da capela e caminhava atrás do governador. Tinha a cabeça totalmente coberta por um capacete de ferro polido, com visor. De repente, parou um instante para respirar e olhar a paisagem, momento em que o governador, rudemente, mandou que se apressasse. D'Artagnan, saindo de trás de uma coluna, lembrou ao governador que, por ordem do rei, aquele homem deveria ser tratado de Meu Senhor. Então, puderam ouvir a voz cavernosa e triste do prisioneiro, pedindo que não o chamassem de Senhor, mas sim de...

O Maldito...

Em seguida, entrou em sua cela e a porta foi fechada com estrondo.

OS MAIS FAMOSOS CONTOS JUVENIS

Alexandre Dumas

(1802-1870)

Alexandre Dumas, pai, cujo verdadeiro nome era Alexandre de la Pailleterie, nasceu em Villers-Cotterêts, em 1802, e faleceu em Puys, perto de Dieppe, em 5 de dezembro de 1870. Após a morte do pai - um general do exército de Napoleão - sua família ficou na miséria. Em busca de melhores condições de vida, aos 21 anos Dumas foi para Paris, onde, munido de uma carta de apresentação do general Foy, conseguiu emprego nos escritórios do Duque de Orléans, que mais tarde tornou-se o rei Luís Filipe.

Considerado um dos maiores escritores franceses do século XIX, Dumas deixou vastíssima produção literária, compreendendo peças teatrais, romances e contos, tendo assegurado grande destaque no cenário da literatura universal, principalmente graças a três de suas obras: Os Três Mosqueteiros (1844), O Conde de Monte Cristo (1844-45) e O Homem da Máscara de Ferro (1845).



Venha brincar com a gente!